

“Muro de Vidro”

20 NOV 1993

Neiva Moreira

A década passada foi dominada por algumas palavras mágicas, como “Cortina de Ferro”, “Muro de Berlim”, “Campo Socialista” e outras mais. O “Muro” ruiu sob o golpe de picaretas de multidões furiosas ou de colecionadores de souvenirs e a “Cortina” sucumbiu em seguida, com a dissolução do “Campo Socialista” sob o peso dos seus erros, de sua vacilante liderança e de uma visão autoritária e burocrática do socialismo.

Outros muros antigos, como o de bambu, na Ásia — separação ideológica entre dois pólos de poder — também desapareceram e com o seu fim, embora não tenha solucionado seus graves problemas, o mundo ficou menos isolado ou mais aberto.

A Câmara e o Senado chegaram, assim, com considerável atraso à era dos muros. A idéia de estabelecer uma divisão de vidro, separando as galerias do plenário é antiquada e antidemocrática e, também, ineficaz.

A idéia originou-se em um incidente entre manifestantes contrários à revisão constitucional e alguns deputados. Foi um fato lamentável, logo contornado pela segurança da Câmara e o pessoal do “deixa disso”.

Essa história de desentendimentos entre galerias e plenário — ou parte dele — é tão velha quanto o Parlamento e sempre se resolveu com medidas administrativas e sem construir-se um “Muro de Vidro” fora do tempo, quando os muros da intolerância e do segregacio-

nismo dos que decidem foram derrubados.

A construção dessa “cortina de vidro”, que impede que o clamor das ruas seja ouvido pelo plenário, foi uma decisão anterior ao escândalo da Comissão de Orçamento, que a CPI está procurando apurar corretamente. No bojo das medidas saneadoras e democráticas que estão sendo propostas na Câmara, é fundamental suspender aquela medida autoritária que nada acrescenta à liberdade de trabalho dos deputados, faz crescer na opinião pública, a desconfiança e a imensa desaprovação que hoje se verifica no País, em relação ao trabalho parlamentar.

■ Neiva Moreira é deputado pelo Maranhão e presidente nacional do PDT